



## **Revista História Social - 20 anos antes, 10 anos depois**

Ivan Sicca Gonçalves\*  
Talison Mendes Picheli\*\*

GONÇALVES, I. S.; PICHELI, T. M. **Revista História Social -  
20 anos antes, 10 anos depois.**

*História Social*, n. 26, 2023, pp. 93-107.

<https://doi.org/10.53000/hs.n26.5250>

---

### **Uma Revista, Muitas Histórias**

Foram 20 anos de publicação contínua, com 21 edições, registradas em 25 números, totalizando 281 submissões - sendo elas compostas por artigos, resenhas, entrevistas e seções especiais. A *História Social*, revista discente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas (PPGH-UNICAMP), teve uma trajetória instigante desde sua fundação, em 1994, registrando em suas páginas conhecimento

---

\* Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Editor da revista *História Social*. E-mail: ivansiccag@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8223-2715>.

\*\* Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Editor da revista *História Social*. E-mail: talison.picheli@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4092-2275>.

de ponta, produzido tanto por pós-graduandos em início de carreira (muitos dos quais tornaram-se referências em suas áreas e professores das mais prestigiosas universidades do país), quanto por historiadoras e historiadores de renome, cujas contribuições foram fundamentais desde o início desse projeto científico. Além disso, como bem relatado nas entrevistas que compõem esta seção de memória e homenagens deste novo número da revista, dezenas de alunos do Programa, com interesses e especializações bastante distintos entre si, tiveram suas trajetórias marcadas pela participação nas comissões editoriais que organizaram a publicação enquanto ela esteve ativa.

Para além das experiências discentes, a *História Social* atravessou também a própria história do PPGH da UNICAMP como um todo, um dos mais tradicionais e prestigiados da área no Brasil, reverberando debates, objetos de pesquisa e propostas metodológicas que eram experimentados e consolidados dentro das diferentes linhas de pesquisa. Infelizmente, após o lançamento do número 25, referente ao segundo semestre do ano de 2013, essa trajetória foi colocada em um longo hiato de 10 anos, diante da dificuldade enfrentada pelo corpo discente para formar novas comissões editoriais. Em fins do ano de 2022, um novo grupo de pós-graduandos de todas as áreas de concentração do Programa se animou a encerrar esse hiato, e depois de meses de trabalho intelectual e burocrático para colocar a casa em ordem e religar as máquinas, a leitora e o leitor deste novo número poderão testemunhar o resultado desse esforço.

Sem grandes pretensões de analisar detidamente as tendências e os debates intelectuais que passaram pela revista, pelo Programa, ou mesmo pela historiografia brasileira no período compreendido entre os anos de 1994 e 2013, dois membros dessa nova comissão editorial decidiram elaborar este breve texto para servir como uma espécie de memorial da trajetória da revista, com o intuito de destacar a sua importância para o nosso campo de conhecimento, e de demonstrar aos nossos leitores e colegas de profissão que, ao acessar e contribuir com ela, eles estarão se envolvendo com um projeto muito mais amplo, que não se encerra com

um link da internet, um número de ISSN, uma avaliação no Qualis da CAPES, ou uma eventual linha a mais no Currículo Lattes.

Evitando saudosismos ou romantizações, o fato de este texto ser parte do número 26 da *História Social*, e não de um primeiro volume de uma nova publicação, carrega o esforço e o sentido de dar continuidade a um projeto polifônico, diverso e mutante, como não poderia deixar de ser com o legado de duas décadas de um trabalho intelectual que envolveu diversas pessoas e acompanhou a trajetória de diferentes gerações de alunos e professores do Programa. Além disso, contando com certo distanciamento e uma visão mais ampla de questões que nem sempre estiveram à disposição dos agentes envolvidos nas atividades do periódico, historiadores que somos, acreditamos poder fazer alguns apontamentos a respeito do percurso histórico da revista de acordo com suas mudanças e continuidades ao longo do tempo, procurando também reconstituir as perspectivas das diferentes comissões editoriais. Para tanto, tentaremos, nas próximas páginas, apontar as dimensões desse projeto e seu papel como espaço de criação e repercussão dos debates internos ao Programa, que nunca se encerraram em si mesmos e que sempre estiveram próximos das discussões intelectuais e políticas de uma comunidade mais ampla.

Criada em 1994 por quatro alunos do PPGH da UNICAMP<sup>3</sup> – três homens e uma mulher –, a revista *História Social* iniciou sua trajetória com uma edição modesta, composta por apenas cinco textos. Depois disso, passou por momentos e formatos muito distintos ao longo de seus outros 24 números e duas décadas de existência, indo de contribuições circuladas fisicamente e concentradas na produção local e regional, até edições *online* cujas submissões e fluxo editorial aconteceram integralmente em meio digital (ainda que a publicação em formato físico tenha sido mantida até o último número antes da paralisação). Ao todo, além dos quatro membros fundadores, 65 outros editores participaram do projeto, alguns dos quais

---

<sup>3</sup> O único membro da *História Social* que não era aluno de pós-graduação da UNICAMP, de que temos notícia, fez parte da comissão editorial deste primeiro número da revista. Trata-se de Rafael Chambouleyron, que fez graduação da UNICAMP, e na época era estudante de mestrado da Universidade de São Paulo (USP).

se envolvendo longamente com ele, atuando em até nove edições. Durante todo esse tempo, foram 35 pessoas do sexo feminino e 34 do masculino as responsáveis por manter as atividades da revista<sup>4</sup>, cujas dimensões de cada edição e de pessoas envolvidas sempre variaram bastante, com edições contando com até 20 textos, a exemplo do número 14/15, e comissões contando com a participação de até 14 alunos do Programa, como aconteceu nos números 8/9 e 13.

Conforme já apontamos, do ponto de vista formal, a revista teve configurações bastante distintas ao longo dos anos. Após sua fundação, houve o esforço de manter sua regularidade anual e, como não poderia deixar de ser nos anos 1990, sua edição e circulação aconteceram completamente em meio físico, sendo impressa pela gráfica do Setor de Publicações do IFCH-UNICAMP. A partir do ano de 2008, a *História Social* passou a ser publicada com regularidade semestral e, a partir do ano seguinte, contou também com uma versão eletrônica, sendo lançada simultaneamente nos dois formatos até o seu último número. Por trás das páginas impressas e das versões disponibilizadas eletronicamente, essas muitas gerações de pós-graduandos que viveram a universidade, a pós-graduação e o Brasil em momentos variados e de formas muito distintas,

---

<sup>4</sup> Em primeiro lugar, vale ressaltar que esses números dizem respeito a todas as pessoas diferentes que fizeram parte das comissões editoriais da revista enquanto ela esteve ativa entre os anos de 1994 e 2013. Em outras palavras, para evitar repetições em nossos cálculos, contabilizamos aqueles indivíduos que participaram da edição de mais de um número da *História Social* uma única vez. Dito isso, essa proporção entre homens e mulheres é bastante interessante e nos chamou a atenção para a questão. Para entender melhor esses números, e saber se esse suposto equilíbrio se sustenta no decorrer do tempo, decidimos examinar a proporção de pessoas do sexo masculino e feminino em três momentos distintos, definidos mais adiante em nosso texto. Ao fazê-lo, notamos que a paridade entre os sexos é apenas aparente, pois, a proporção entre homens e mulheres variou bastante em cada período. Entre 1994 e 2000, por exemplo, a proporção de homens para cada mulher é de quase 2:1 – são 16 deles e 9 delas. Já entre os anos de 2001 e 2007, o número de mulheres diferentes que trabalharam com a edição da *História Social* é nada mais, nada menos do que cinco vezes maior do que o de homens (20 contra 4), uma inversão bastante curiosa, que definitivamente merece uma análise mais detida e cuidadosa, cujos limites deste texto não nos permite fazer agora. Por fim, nos últimos anos da revista, entre os anos de 2008 e 2013, a proporção entre pessoas do sexo masculino e feminino no corpo editorial do periódico tendeu a ser mais equilibrado, com a participação de 11 homens e 9 mulheres.

aderiram ao projeto da *História Social* e imprimiram nele as suas próprias marcas. Para melhor dimensionar essa multiplicidade de experiências editoriais que ocorreram sob a mesma rubrica, separamos a história da revista em três grandes momentos – e embora estejamos cientes de que essa divisão é arbitrária e de que por vezes não reproduz com justiça as continuidades das experiências vividas em cada momento (há, inclusive, editores que estiveram envolvidos em mais de um período), acreditamos que ela ao menos nos ajuda a pensar algumas questões pontuais a respeito do percurso da revista no decorrer de seus 20 anos de existência até o momento que suas atividades foram paralisadas. Foi uma forma que encontramos de refinar questões que uma lente mais ampla não nos permitia ver, a exemplo da do suposto equilíbrio de gênero dos membros da comissão editorial, visto no parágrafo anterior.

Um primeiro momento do projeto, que denominamos os “primórdios” da revista, compreende os números de 1 a 7, publicados entre os anos de 1994 e 2000, em que o PPGH da UNICAMP e a própria pós-graduação brasileira, de uma maneira mais ampla, contavam com uma configuração muito distinta das décadas seguintes, após a expansão das universidades federais dos governos Lula. Com o número duplo 8/9, referente aos anos 2001 e 2002, que contou com uma comissão quase que totalmente nova em relação à anterior, (dos seus 14 editores, somente dois haviam participado da edição do número 7), entendemos que houve a primeira das várias retomadas que a revista viveu após hiatos circunscritos, com algumas distinções de temáticas e formatos frente ao que havia sido feito até então – por isso, por falta de termo melhor, denominamos esse período como “retomada”. Por fim, o último intervalo, que chamamos de período “digital”, começa com o lançamento do número duplo 14/15, publicado em 2008, a partir do qual a revista incorporou duas transformações importantes no seu formato e no cotidiano de suas atividades: a mudança da periodicidade da publicação, que passou a ser semestral, e a publicação em formato eletrônico. Tais mudanças deram início a uma fase de aumento da produtividade e digitalização crescente do

trabalho editorial, com lançamento de dossiês que procuraram consolidar temáticas já trabalhadas no Programa, reformulando questões e debates importantes, e apresentando novos horizontes teórico-metodológicos para futuras pesquisas. Esse último recorte se encerra com o número 25, de 2013, ano no qual a revista foi descontinuada.

Por ser uma iniciativa discente, como vimos, a identificação da revista com o PPGH da UNICAMP, dentro de sua multiplicidade de projetos e agendas, foi sempre mantida por comissões editoriais, compostas por mestrandos e doutorandos em diferentes fases de suas formações. No entanto, desde seu primeiro número, as contribuições à *História Social* nunca se resumiram a textos escritos por membros do Programa, fossem eles professores ou alunos, demonstrando a sua importância em um cenário mais amplo dentro da historiografia brasileira. Mais do que reverberar debates do Programa, as páginas da *História Social* serviram também como espaço de difusão do conhecimento produzido por pesquisadores oriundos de diversas partes do Brasil. Das 281 submissões recebidas e aprovadas entre os anos de 1994 e 2013, nada menos do que 186 foram feitas exclusivamente por autores sem ligações institucionais com a UNICAMP, enquanto 91 foram feitas pela comunidade interna da universidade – outras quatro submissões dizem respeito a textos escritos por mais de um autor, cujas origens institucionais eram mistas, de dentro e fora da UNICAMP. Dentro daquele primeiro grupo, destaca-se ainda o número bastante razoável de contribuições feitas por autores internacionais sobretudo no período dos primórdios da revista – em um universo de 21 casos, 13 dizem respeito a esse primeiro momento de vida da *História Social*, indicando a importância de historiadores estrangeiros para o início e consolidação do projeto.

Aliás, falando em consolidação, ao examinar a origem dos autores que publicaram na revista nos três períodos que separamos, notamos como a *História Social* vai se consolidando como um importante espaço de difusão do conhecimento histórico ao ganhar legitimidade para além dos muros da universidade que a abriga no decorrer do tempo. Depois

de um relativo equilíbrio entre autores nos primórdios do periódico, com 39 submissões feitas por pessoas de fora da UNICAMP e 32 de dentro, o primeiro grupo toma a dianteira definitivamente no período de retomada, com 51 representantes contra 20 do segundo, e se consolida de vez na era digital, com 96 submissões externas frente a apenas 39 internas ao Programa. É evidente que uma das principais razões desse movimento é a facilidade trazida pela implementação da submissão eletrônica dos textos pelo sistema da revista, que deve ter servido de incentivo para que pessoas de todo o país, e de outras partes do mundo, enviassem seus trabalhos. E o fato de essa facilidade não ter sido acompanhada pelo aumento significativo no número de submissões de pessoas internas ao PPGH da UNICAMP só reforça o prestígio que a *História Social* angariou entre autores de diversas regiões e programas Brasil afora, que a viram como um importante canal de publicação dos resultados de seus trabalhos.

Além disso, os números também nos indicam como a revista serviu, ao longo dos seus 20 anos de existência, como um espaço fundamental para que historiadoras e historiadores em formação, muitos dos quais no início de suas carreiras acadêmicas, publicassem seus primeiros textos, apostando no alcance da *História Social* para divulgar suas pesquisas e propor novos debates à historiografia. Nada menos do que 171 submissões foram feitas por doutorandos com títulos de mestres e mestrands com títulos de bacharéis ou licenciados em História – nessa conta também se encontram duas resenhas publicadas por graduandos e seis outros textos publicados por graduandos, graduados e mestres em conjunto com doutores. Ao olhar para esse dado em cada período da revista, a única discrepância que chama atenção é o maior engajamento de pessoas graduadas (mestrands, em sua maioria) na era digital da *História Social*, quando seu número saltou de duas e oito submissões nos primórdios e retomada do periódico, respectivamente, para 30 contribuições. A quantidade de mestres (ou doutorandos) se manteve mais regular no decorrer do tempo, com 50 textos na primeira fase, 34 na segunda, e 44 na última.

Mas se a revista foi vista por jovens estudantes como espaço de divulgação dos trabalhos desenvolvidos por eles durante seu período formativo enquanto pós-graduandos, ela não ficou muito atrás na avaliação de autores com carreiras acadêmicas mais consolidadas. O prestígio e o alcance da *História Social* levou muitos professores doutores e pós-doutores a procurá-la para publicarem seus textos e difundi-los entre seus pares, muitas vezes com contribuições muito importantes para a historiografia, como veremos adiante. Ao todo, 113 textos de autores com tais titulações foram avaliados e aprovados para publicação na revista, sendo a maior parte deles lançados na era digital: foram 62 submissões contra 24 publicadas no período dos primórdios da *História Social* e 27 nos anos de retomada. Mais uma vez, a facilidade de submissão de textos com a digitalização do processo de edição da revista deve ter sido um dos fatores contribuintes para esse fenômeno. De todo modo, o que esses números demonstram é que, independentemente do grau de formação dos autores, a revista *História Social* sempre foi considerada como uma via importante de divulgação de seus trabalhos.

Por fim, em relação à estrutura da revista, apesar de mudanças pontuais, podemos dizer que se manteve determinado padrão no formato de cada número no decorrer do tempo. Com exceção das duas primeiras edições, toda revista contou com um dossiê temático, acompanhado por uma seção de artigos livres e outra de resenhas. Durante todo o período de atividade da *História Social*, das 281 submissões, 125 foram destinadas aos dossiês, das quais 19 foram publicadas nos primórdios do periódico, 23 o foram no período de retomada, e 83 foram lançadas na era digital. Esse aumento da quantidade de artigos notado no último intervalo, a princípio, poderia ser explicado pela alteração da periodicidade e formato da revista (semestral e digital). Contudo, ao olharmos para o universo dos artigos livres, tal padrão não se repete: de um total de 77 textos, 20 são do primeiro período, 27 são do segundo, e 30, do terceiro. Ou seja, além dos dossiês terem representado a maioria dos artigos publicados, eles foram também os responsáveis pelo aumento das dimensões da publicação. Nesse sentido,



é possível concluir que os dossiês foram os principais mobilizadores da produção científica feita nas páginas da *História Social*.

Ademais, outras seções se destacaram ao longo da história da revista. Além das 53 resenhas que analisaram algumas das principais obras publicadas nas duas décadas de atividades do periódico, em determinadas fases da trajetória da publicação desenvolveram-se seções especiais que estiveram intimamente ligadas com a identidade da revista enquanto um projeto do PPGH da UNICAMP. Um destaque, nesse sentido, foi a seção “Fontes e Arquivos”, muito presente sobretudo nas duas primeiras fases da *História Social*, na qual alunos do Programa se detinham sobre as potencialidades de trabalho com acervos e fundos que haviam sido explorados por eles em suas próprias pesquisas. Outro destaque foi o esforço, também nos dois primeiros períodos, de tradução de artigos de historiadores internacionais prestigiados, cujos trabalhos serviam de referência teórico-metodológica para as mais diversas áreas do Programa. Além disso, por muitas edições, foi reproduzido ao final de cada número uma listagem das dissertações e teses defendidas no Programa, difundindo o que estava sendo produzido pelo corpo discente do PPGH-UNICAMP. Com o passar do tempo, essas iniciativas foram se tornando mais raras, e a revista foi se adequando aos padrões mais recorrentes dos periódicos discentes.

## **Um Programa, Uma Revista**

Como poderá ser observado com a leitura das entrevistas reproduzidas no texto “A Vírgula é pela Continuidade”, que também faz parte desta seção de memória da revista, foram muito distintas as experiências dos editores e autores que contribuíram ao longo dos 20 anos de atividade da *História Social*. No entanto, como defendemos, e como frequentemente foi explicitado nos textos editoriais, a proposta de continuidade desse projeto não se limitou apenas a manter o título e a numeração sequencial do periódico, mas também a garantir uma ideia

comum, sempre ampla (embora os sentidos dessa amplitude possam ter mudado ao longo do tempo), para preservar a identidade da revista em relação ao PPGH-UNICAMP. Embora “História Social” tenha sido, em grande parte desse período, o nome de uma área ou linha de pesquisa, ou associado a um centro de estudos específico, os editores responsáveis por cada número nunca se limitaram aos membros dessa fração do Programa, de modo que, em determinados momentos, a comissão editorial fez questão de destacar a composição plural de seus membros.

O PPGH da UNICAMP precedeu em décadas o contexto de fundação da revista. Estabelecido em 1976 como um mestrado em História do Brasil, desde o seu início havia um foco na história dos trabalhadores e dos movimentos sociais, na cultura popular, na vida cotidiana e na organização do espaço urbano. Nesse período, havia uma área de concentração comum chamada “História Social do Trabalho”, que congregava cinco linhas de pesquisa. A partir de 1989, foi introduzida uma segunda área de concentração, dedicada à História da Arte e da Cultura. Assim, por quase duas décadas, o termo “História Social” abrangia uma ampla variedade de temas e grupos de pesquisa do Programa. Foi somente em 1993, após o aumento no número de trabalhos com novos temas de pesquisa, como gênero, racismo, religião, cultura material e teorias pós-modernas, que a área de História Social do Trabalho foi reestruturada em quatro linhas de pesquisa: “História Social da Escravidão e do Racismo”; “Trabalho, Política e Movimentos Sociais”; “Cultura e Cidades”; e “Políticas Urbanas, Produção Cultural e Cidadania”. Estas se juntaram a outras três novas linhas, chamadas “História Social da Cultura”; “Jogos do Político: conceitos, representações e imaginário” e “História, Memória e Historiografia”. Foi logo após essa reconfiguração que um grupo de alunos organizou a primeira edição da revista, em 1994<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Essa cronologia está presente na apresentação oficial do Programa de Pós-Graduação no site do IFCH/UNICAMP: <https://www.ifch.unicamp.br/ifch/pos/historia/programa>. Consulta em 11/04/2024.

Com esse processo em mente, um ponto fundamental para pensarmos a relação da história da revista com a história do Programa é a escolha das temáticas dos dossiês. Conforme aludimos anteriormente, os primeiros dois números da revista não possuíram dossiês temáticos, no entanto, a partir do número 3 a revista passou a contar sempre com uma seção específica para reverberar debates propostos pela comissão editorial, em geral com propostas ligadas ao que se fazia internamente no Programa. Dessa forma, os dossiês seguintes, publicados durante a fase que estamos chamando de primórdios da revista, foram, em grande parte, sobre temas clássicos estudados na UNICAMP, inclusive nas décadas que antecederam o lançamento da *História Social*. Entre esses temas estão os movimentos sociais (1996)<sup>6</sup>, o patrimônio urbano (1999) e a história social inglesa (1997). Em fases posteriores, continuaram a ser lançados dossiês com temas clássicos do Programa, como os dedicados às “Revoltas Populares” (2006) e aos “Mundos do Trabalho” (2008) – este último, aliás, foi o maior dossiê da história da revista, contendo 18 artigos.

Além dos temas mais clássicos, as comissões editoriais da revista sempre se esforçaram para abrir espaço para novas questões. Especialmente durante a fase de retomada, foram propostos dossiês sobre novos objetos de estudo e problemas de pesquisa, como os números intitulados “História e Religião” (2000), “História e Literatura” (2001/2002), “Viagens e Narrativas” (2003) e “Imagem e Som” (2005). Novas temáticas do Programa também foram contempladas após a conversão da revista para a fase digital, como “Poder e Repressão” (2009), “Cultura e Política na América Latina” (2010) e “História e Mídias” (2011).

Por outro lado, especialmente durante o último intervalo da revista, depois de um longo dossiê sobre “Mundos do Trabalho” em 2008, muitos dos dossiês subsequentes abordaram temas já bem consolidados

---

<sup>6</sup> Consideramos aqui o dossiê do número 3, referente ao ano de 1996. Esta edição, apesar de tratar especificamente sobre a África do Sul, um contexto pouco estudado no Programa - e no Brasil -, dialoga diretamente com os estudos de movimentos sociais - com uma reflexão feita em pleno contexto do fim do Apartheid. Sobre a elaboração deste dossiê, ver entrevista de Paulo Fontes no outro texto dessa seção de memorial.

internamente, porém introduzindo novas dimensões e perspectivas de pesquisa que estavam apenas começando a se desenvolver naqueles anos. Um exemplo significativo foi o dossiê “Racismo: História e Historiografia” (2010), cujos textos não apenas abordaram assuntos clássicos da produção acadêmica local sobre a história da escravidão e emancipação no Brasil, mas também se esforçaram para destacar a própria historicidade do racismo e suas implicações políticas, sociais e epistemológicas. Esforços análogos foram vistos nos dossiês “Documentos Judiciais e História Social” (2011), “Literatura nos Arquivos” (2012) e “História e Biografia” (2013). O último dossiê antes da desativação da revista, “História e Índios” (2013), também seguiu uma abordagem semelhante, mesmo tratando de um tema ainda incipiente no Programa e no próprio campo da História na época, reunindo contribuições de autores reconhecidos, muitos dos quais com alguma ligação ou interlocução com a UNICAMP, principalmente através da figura do professor John Monteiro, homenageado por essa publicação.

Dos estudos sobre História Social Inglesa às relações entre História e Mídias, passando por temas como Religião, Racismo e Revoltas Populares, os 19 dossiês temáticos da *História Social* cobriram uma ampla gama de assuntos, objetos de pesquisa e períodos históricos. Além disso, quase todas essas edições apresentaram estudos importantes nas seções de artigos livres, que também abordaram uma variedade de temas, e resenhas que se detiveram sobre muitas das principais publicações do cenário nacional no decorrer de duas décadas. Embora tenha passado por mudanças internas ao longo dos anos, a revista sempre manteve sua característica de ser um espaço tanto para as primeiras publicações (e experiências editoriais) de jovens pós-graduandos, quanto para o lançamento de contribuições de autores consolidados, incluindo traduções e entrevistas com historiadores internacionais renomados, como Eric Hobsbawm, Giovanni Levi, Jean-Pierre Vernant e François Hartog.

## Um Programa, Nenhuma Revista

Após resolver alguns aspectos burocráticos de reativação da *História Social*, a atual comissão editorial retomou o acesso à plataforma Open Journal Systems (OJS) para dar início aos trabalhos da nova fase do periódico. Ao fazê-lo, fomos surpreendidos com mais de uma dezena de submissões de artigos enviados desde o ano de 2014 que estavam fadados ao esquecimento não fosse a iniciativa de retomada das atividades. Ainda que a revista estivesse desativada por 10 anos, ela continuou recebendo textos, evidenciando o seu prestígio ao ser lembrada por diversos estudiosos interessados em publicar seus trabalhos. Esse interesse e a busca desses autores pela revista nos chama a atenção para o quanto a ausência de um periódico da relevância da *História Social* foi sentida e o quanto ela fez falta, não apenas para o PPGH da UNICAMP, mas também para a comunidade acadêmica mais ampla de historiadores. Uma falta que, em outro contexto, o comitê editorial responsável pelo número 2 da revista já havia constatado muitos anos antes, no ano de 1995, e que foi sentida mais uma vez durante esse hiato.<sup>7</sup>

Os dados que apresentamos no decorrer deste texto demonstram, e temos argumentado nesse sentido, a ligação íntima da história da revista com a própria história do PPGH-UNICAMP. Como foi possível observar, embora não tenha se limitado apenas a isso, a *História Social* no mais das vezes serviu ao papel de difusão e debate do conhecimento produzido pelos diferentes grupos que compõem o Programa, seja por meio dos textos dos artigos publicados, seja pelas próprias propostas de dossiês. Nesse sentido, entendemos que, com a desativação da revista, o PPGH da UNICAMP acabou perdendo um aliado importante na construção de um canal de diálogos internos e externos, ainda mais nessa que foi uma

---

<sup>7</sup> Naquela ocasião, afirmando a importância de um periódico discente para o PPGH-UNICAMP, os editores terminaram o texto de apresentação do segundo número da revista com as seguintes palavras: “Para encerrar, esperamos que *História Social* tenha uma longa vida, não só por ser a revista que faltava a esse programa, mas também porque ela pode ser um espaço para que nosso trabalho ganhe um novo fôlego, um outro rosto”.

década de mudanças, com a consolidação de novos temas e reorganização das áreas de concentração e linhas de pesquisa, ocorrida no ano de 2020.<sup>8</sup>

Ao fazer um levantamento das 354 dissertações e teses defendidas no Programa entre os anos de 2014 e 2023 e de seus principais assuntos, notamos a recorrência de uma série de temas que, como dissemos, foram se consolidando na última década, e que poderiam ter encontrado espaço de divulgação e diálogo nas páginas da *História Social*, fosse na forma de artigos livres ou até mesmo na proposição de dossiês. Trabalhos ligados às Artes (feitos no âmbito da área de História da Arte ou não), por exemplo, foram abundantes e possivelmente os mais recorrentes durante esse período. Bastante comuns também foram os estudos que se debruçaram sobre temas como intelectuais, patrimônio, arquitetura e urbanização, talvez como consequência da criação da linha “Cultura Visual, História Intelectual e Patrimônios”, em 2012, dentro da extinta área “Política, Memória e Cidade”. Além disso, depois da criação da linha “História Social da África”, em 2006, consolidaram-se igualmente, na última década, trabalhos que buscaram examinar os mais diversos contextos temporais e espaciais do continente africano e da diáspora africana. Assim como, sobretudo mais recentemente, tem crescido o número de dissertações e teses ligadas à imprensa, intelectuais e feminismo negros, cidadania negra e racismo – nesse sentido, é impossível não pensar na influência que teve o número 19 da *História Social*, que contou com reflexões de historiadores

---

<sup>8</sup> De acordo com o texto de apresentação do PPGH-UNICAMP no site do IFCH, “(...) após intenso processos de autoavaliação, o Programa decidiu proceder a uma reforma abrangente das áreas e respectivas linhas de pesquisa para atender a novas demandas temáticas e novos desafios que se interpõem em razão da formação diversificada dos professores do PPGH”. Dessa maneira, o novo Programa foi reconfigurado em quatro áreas de concentração, com duas linhas de pesquisa cada: “História da Arte”, com as linhas de “História da Arte e Estudos Visuais” e “Crítica, Curadoria e Preservação”; “Dinâmicas e Linguagens Políticas”, cujas linhas são “Historiografia, Especialidades e Representações” e “Deslocamentos, Desigualdades e Direitos”; “História Social, Diferenças e Conflitos”, que engloba as linhas “Mundos do Trabalho na Escravidão e Liberdade” e “África e Diáspora Africana”; e, por fim, “Cultura, Memória e Visualidades”, com as linhas “Gênero, Subjetividades e Cultural Material” e “Visualidades, Políticas de Memória e Questões do Contemporâneo”. Para mais, ver: <https://www.ifch.unicamp.br/ifch/pos/historia/programa>. Acesso em 11/05/2024.

renomados e reposicionou os debates em torno dessas questões dentro da historiografia.

Além de temas como esses, trabalhos com assuntos mais consolidados dentro do Programa, como escravidão, trabalho, movimentos sociais, viagens e narrativas, religião, literatura, também continuaram a ser produzidos, muitas vezes sob novas perspectivas teórico-metodológicas. E, da mesma forma, eles poderiam ter se aproveitado da existência de uma revista discente como espaço de divulgação e diálogo com seus pares. Ao dizer isso, não temos por intenção, é óbvio, fazer uma história do que não foi ou do que poderia ter sido, mas, considerando a importância e o prestígio que a *História Social* angariou ao longo de suas duas décadas de existência, não resta dúvida de que o PPGH teria continuado a ganhar muito com ela, como ganhou enquanto esteve ativa, servindo não só como um espaço de divulgação do conhecimento histórico produzido na UNICAMP, mas também como meio de publicizar as próprias (re)configurações do Programa e seus novos projetos e preocupações. Muitos dos trabalhos que começaram a ser desenvolvidos após a última reorganização das áreas do PPGH ainda não foram defendidos. Nesse sentido, com certa dose de otimismo, acreditamos que a reativação da revista ocorre em momento oportuno, pois certamente os beneficiará – assim como beneficiará os que ainda estão por vir.

Por fim, adotando um paralelismo, os títulos que escolhemos para as seções deste texto refletem a trajetória da *História Social* no âmbito do PPGH da UNICAMP: “Uma Revista, Muitas Histórias”, “Um Programa, Uma Revista” e “Um Programa, Nenhuma Revista”. Queremos encerrá-lo, assim, parafraseando nossos colegas editores do número 2: esperamos que a *História Social* continue tendo uma longa vida, não apenas por ter feito falta ao Programa, mas também porque ela é, de fato, um espaço para que nosso trabalho continue ganhando novos impulsos e novas vozes. Com um pouco de pretensão, esperamos que, daqui para a frente, comece o que poderia ser a quarta parte deste texto: “Uma Revista, Novas Histórias”.